



# PROJETO MONTESE

EXTRATO DO DEPOIMENTO GRAVADO  
PELO CORONEL IPOËRAN NUNES DE  
OLIVEIRA, EM DEPENDÊNCIA DA BIBLIEX,  
NO DIA 26 DE MARÇO DE 1985

---

*Montese era a chave do Vale do Panaro.*

*Para o IV Corpo de Exército, tê-la nas mãos significava a posse de uma via de acesso alternativa para o Vale do Pó, que era seu propósito, caso os alemães conseguissem manter suas posições em torno de Bolonha.*

*Se tivesse permanecido em poder dos alemães, Montese se teria tornado um espinho no flanco do ataque principal do Corpo. A observação que proporcionava teria permitido a realização de tiros precisos em suas vias de transporte, sendo duvidoso que a 1ª Divisão Blindada conseguisse efetivar a brecha que conseguiu no dispositivo inimigo, em sua zona de ação.*

*Pode-se dizer, sem nenhum perigo de exagero, que a tomada de Montese, único objetivo conquistado na operação montada pela 1ª DIE e que só foi possível graças ao êxito do Pelotão Iporan, definiu as etapas subseqüentes da Ofensiva da Primavera.*

*O relato do Coronel Iporan, despido de vaidade, em nenhum momento refere-se a esse fato.*

*É justo ressaltá-lo.*

---

## INTRODUÇÃO

O Projeto Montese foi criado pelo Coronel Aldílio Sarmiento Xavier, quando no cargo de Diretor da Biblioteca do Exército.

Armazenando documentos escritos e depoimentos verbais

gravados em fita magnética, ele foi concebido para constituir fonte de pesquisa histórica básica, destinada a historiadores do futuro, pesquisadores e estudiosos da Campanha da Força Expedicionária Brasileira.

Centrado em Montese, que lhe dá o título, o Projeto não se

esgotaria nesse episódio marcante da Campanha da Itália. Mais que isso, ambicionava abarcar toda gama de aspectos envolvida no maior feito da história contemporânea do Exército Brasileiro.

A história da FEB tem sido julgada ao sabor de sentimentos discordantes. De desconsolo, críticas e queixas, ao acompanhar os descaminhos da mobilização, da organização e da desmobilização e as falhas que patrocinaram as primeiras derrotas; de júbilo e ufanismo, ao testemunhar as vitórias conquistadas.

É próprio da nossa cultura, do nosso senso crítico.

Poder-se-ia dizer que a Força Expedicionária Brasileira espelha o caráter nacional. Na sua preparação, no seu desempenho na guerra e no seu regresso ao Brasil. Tudo salpicado de incoerências que marcam nossas conquistas com "apesar de tudo", estimulando orgulhos ou alimentando recalques, dentro da conveniência do seu uso.

Quarenta anos passados, imaginava-se ser possível colher material histórico isento de paixões, capaz de dar, à Campanha da Itália, a dimensão correta que lhe é devida, imprescindível para dela colherem-se ensinamentos de valor verdadeiro.

Com o falecimento prematuro do Coronel Xavier e diante da impossibilidade de dedicação integral à tarefa, por parte do

Coordenador do Programa, o trabalho acabou se esvaziando, o Projeto inviabilizou-se e o material coletado foi entregue à Associação dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (ANVFEB).

## DEPOIMENTO

Alguns fatos marcaram a conquista de Montese, no âmbito do meu pelotão. Uns, a meu ver, foram determinantes da vitória alcançada; outros, comprovadores da força imponderável do destino, de que o próprio feito das armas brasileiras é, talvez, o mais completo testemunho.

A 10 de março de 1945, meu pelotão, o terceiro da 2ª Companhia do 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, ocupava a região de Casa Lama, cota 930, na linha principal de resistência. Às cinco horas da manhã, o Capitão Sidney,\* meu comandante de companhia, incumbiu-me de organizar uma patrulha. Sob o comando de um sargento, essa patrulha, partindo de Bicocchi, deveria reconhecer Montaurígola – um morro situado logo à frente do pelotão – e, se não encontrasse resistência, prosseguiria, caso possível, até Montese.

Sabendo que atacaria Montese dentro de dois dias e que o itinerário dessa patrulha coinci-

\* Capitão Sidney Teixeira Alvares.

dia, linhas gerais, com o que fora programado para o ataque, solicitei, ao Capitão Sidney, permissão para seguir-lhe os passos. Interessava-me palmilhar o terreno que, dentro em breve eu iria utilizar.

Meu pedido foi levado ao Coronel Lisboa,\* comandante do batalhão, que concordou com o que lhe foi sugerido, preferindo, porém, que fosse eu o comandante da patrulha.

Às nove horas partimos da região de Bicocchi. Éramos vinte e um homens, dos quais três especialistas em minas. Alcançamos Montaurigola e passamos a progredir em sua encosta sul, rumo geral leste-oeste.

Após atingirmos metade da elevação, uma colina alongada, fomos detidos por um campo minado. O esclarecedor-ponta já dera um passo dentro dele, quando percebeu a existência de minas, porquanto algumas delas se encontravam expostas. Foi nesse instante que um soldado da patrulha comentou: "É. Furtado não morre mais nesta guerra", referindo-se ao esclarecedor, Soldado José Leite Furtado.

A equipe de minas entrou em ação. Para abrir uma brecha de um metro de largura por oitenta de comprimento, teve que neutralizar oitenta e duas minas do tipo *schuchimine*, que funcionavam sob pressão de quatro quilos.

Após duas horas, a brecha foi concluída e pudemos prosseguir na missão.

Ao nos aproximarmos da cota 759, na parte oeste da elevação, avistamos uma casa de porte avantajado, dois pavimentos e muitas janelas, ladeada por duas outras bem menores, uma das quais parecia um simples palheiro.

Procuramos abordá-las com cuidado. Um terço do nosso efetivo, a cerca de cento e oitenta metros das casas, ocupou as partes altas do terreno, com excelentes campos de vista e de tiro. O restante distribuiu-se ao longo de uma estrada carroçável, em corte bastante profundo, assemelhando-se a uma trincheira, e distante cerca de cem metros da casa maior.

Ao procurar transpor uma cerca de arame farpado, o esclarecedor-ponta foi mortalmente atingido por uma rajada de metralhadora, partida do casarão — o mesmo Soldado Furtado que se livrara, havia poucas horas, das minas que encontrou. . .

A patrulha respondeu aos tiros de imediato. Tínhamos, naquele instante, superioridade de fogo. A moral era alta. Irados, em face da morte do companheiro, alguns soldados teimavam em atirar de cima do parapeito da estrada, quando podiam fazê-lo, com maior segurança, do leito da mesma.

Naquela ocasião, o contato telefônico com a companhia era

\* Coronel Manoel Rodrigues Lisboa de Carvalho.

permanente e feito através do Tenente Ary Rauen.

Num estudo preliminar do terreno, concluí que um ataque frontal às casas seria temerário. Quando fazia os reconhecimentos do seu flanco esquerdo, recebi ordem para desengajar e retrain, a fim de que os morteiros do batalhão pudessem bater o local, facilitando a ação da patrulha.

Ponderei que nos encontraríamos próximos das casas, dominando-as pelo fogo, e solicitei que fossem sustados os tiros programados, no que fui atendido.

Parte da patrulha já manobrava para investir contra as casas, quando o sargento que fazia os reconhecimentos me informou que o terreno se encontrava bastante minado. Teríamos que tentar pelo outro flanco.

Novos reconhecimentos estavam em curso, quando recebi ordem de retrain, porquanto a patrulha já havia ultrapassado, de muito, o tempo permitido e a artilharia divisionária iria bater a região.

Providenciada a retirada do corpo do Soldado Furtado, retrainos em ordem. Só quando nos encontrávamos distantes cerca de trezentos e cinquenta metros das casas, foi que os alemães deram sinal de vida. Algumas rajadas de metralhadora foram direcionadas contra nós e a elas respondemos, incontinenti. Tudo sem maiores conseqüências.

Cinco horas tinham passado, quando regressamos à nossa base. Conseguíamos reconhecer minuciosamente o terreno, localizar e neutralizar parcialmente um campo minado no itinerário de ataque do batalhão e um importante posto avançado do inimigo tinha sido identificado.

Foi resultado que se tornou providencial na tomada do dispositivo para o ataque.

Na madrugada do dia 14, meu pelotão deixou a posição que ocupava, em Bicocchi, e atingiu Montaurgola, seguido do 1º Pelotão de Fuzileiros da minha companhia e do 1º Pelotão de Morteiros 81 da Companhia de Petrechos Pesados do Batalhão. Todos eles progrediram através da brecha aberta pela patrulha, quatro dias antes, no campo minado. Os alemães ajustaram seus fogos sobre ele. Ignorando, porém, o trabalho que tínhamos realizado, utilizaram tiros de inquietação – um ou dois tiros de morteiro ou artilharia, com pequeno intervalo de tempo, visando a dificultar a retirada das minas. E a transposição pôde ser feita sem baixas, em grupos pequenos de homens, aproveitando o intervalo entre os tiros. Tudo feito sob minha orientação, por conhecer o terreno onde pisávamos.

Até às quinze horas do dia 11, sabia-se, tão-somente, que a 2ª Companhia atacaria Montese com dois pelotões em primeiro escalão – o meu e o do Tenente

Ary Rauen. Não havia sido definido, ainda, quem atacaria à direita ou à esquerda. Por isso eu e Ary, de posse de uma carta da região e utilizando um posto de observação próximo ao PC da Companhia, passamos a fazer um estudo-de-situação particular para, após esse estudo, disputarmos, na cara ou coroa, quem ocuparia que posição no dispositivo de ataque.

Ganhou Ary, que escolheu o flanco direito para o seu pelotão, julgando-o mais favorável. O resultado foi levado ao Capitão Sidney, que o homologou.

Mais tarde ficaria comprovado que o flanco direito não era tão favorável ao ataque como parecia. Estava extremamente minado e, dele, não voltou com vida um extraordinário amigo e companheiro, herói consagrado do 11º Regimento de Infantaria.

A conquista de Montese, missão principal da 2ª Companhia, foi programada para ser executada em duas fases.

Na primeira, o ataque seria dirigido sobre dois postos avançados do inimigo - o 1º Pelotão, do Sargento Leôncio, sobre o ponto cotado 759, a oeste de Montaurfóla; o 2º Pelotão, do Tenente Ary Rauen, sobre um posto avançado a sudeste de Montese. O ataque foi previsto para as nove horas da manhã.

Na segunda fase, com início programado para as doze horas, seria feito o ataque a Montese, com meu pelotão à esquerda e o do Tenente Ary à direita.

À hora prevista, desencadeou-se a primeira fase.

O pelotão do Sargento Leôncio teve, de imediato, seu avanço prejudicado pela ação do inimigo que, provavelmente ressabiado com a ação da patrulha quatro dias antes, conseguiu mantê-lo a distância pelo fogo.

Encontrando-me em Montaurfóla, acompanhava sua situação, a uma centena de metros à retaguarda, exposto aos tiros das armas tensas alemães, que passavam nas minhas proximidades. Procurei orientar o sargento na conquista do objetivo. Seu pelotão, entretanto, não conseguiu cumprir a missão que lhe fora atribuída, senão algumas horas após ter sido desencadeada a segunda fase da operação.

O pelotão do Tenente Ary Rauen, por seu turno, ficou detido em frente a um campo minado, densamente batido por fogos de infantaria. Ali, seu bravo comandante foi mortalmente ferido com um tiro na cabeça. O pelotão sofreu outras baixas e não atingiu, igualmente, seu objetivo.

Às onze horas, o Capitão Sidney me confirmou que a segunda fase da operação teria início às doze horas, como planejado. Ponderei que seria uma temeridade atacar Montese partindo de Montaurfóla, antes da queda dos postos avançados. O capitão respondeu que iria intensificar fogos sobre eles, mas

que meu pelotão deveria atacar na hora determinada, juntamente com os demais elementos do batalhão.

Diante da impossibilidade de utilizar o posto avançado como base de partida, conforme eu havia planejado, resolvi, baseado em estudo do terreno que fizera naquela manhã, partir para Montese de uma ravina existente logo após o campo minado, ravina profunda e coberta de vegetação.

Às doze horas, partimos para o ataque, preocupados sobre o modo com a possibilidade de recebermos tiros pela retaguarda, oriundos dos postos avançados não conquistados. Mal o pelotão transpôs a crista do terreno, foguetes de sinalização com estrela vermelha, partindo de Montese, denunciaram nosso ataque. Transpomos a crista com grande rapidez, facilitados, em muito pelo terreno, e iniciamos a galgar Montese.

Após vencido o primeiro terço da elevação, nossa retaguarda recebeu densa e compacta barragem da artilharia inimiga, que cortou nosso fio telefônico em vários pontos e colocou dois dos nossos soldados fora de combate (um de saúde e um mineiro).

Aproveitando uma estrada carroçável, cuidei de reajustar o dispositivo do pelotão e lancei à frente, imediatamente, o 3º Grupo de Combate, do Sargento Celso Raciolli. Os demais grupos apoiaram seu avanço, trocando tiros esparsos com as pri-

meiras resistências inimigas, mal definidas, ainda, no terreno.

Após pequeno avanço, o grupo do Sargento Raciolli assinalou a presença de minas. Juntei-me a ele para estudar a situação e constatei, satisfeito, tratar-se, não de um campo minado, mas de *boob traps* armadilhados com fios de arame.

Com o fim de ganhar tempo, neutralizei-os pessoalmente, servindo-me dos conhecimentos adquiridos em um curso de minas que eu freqüentara. Em seguida, determinei ao 3º grupo que continuasse a progressão e fiz avançar o 2º grupo, do Sargento José Matias Júnior, com o qual passei a progredir.

O grupo do Sargento Raciolli prosseguiu galgando as elevações de Montese, favorecido pelo terreno que, preparado para agricultura, apresentava patamares, assemelhando-se a imensa escadaria. No topo da elevação, foi detido, porém, por fogos oriundos das resistências organizadas em frente a uma casa de grande porte.

Colei-me ao grupo para estudar a situação. Verifiquei que o inimigo distava cerca de cento e cinquenta metros e que o terreno que nos separava, despido de vegetação, formava uma espécie de bacia, com encostas suaves, tornando extremamente problemático um ataque frontal. Determinei, então, ao Sargento Raciolli, que mantivesse o terreno conquistado e apoiasse o avanço do 2º grupo, que seria empregado à esquerda.

Naquele momento, o pelotão tinha perdido toda a ligação com a retaguarda. O telefone não funcionava, por terem sido rompidos seus fios pela artilharia inimiga; o rádio deixara de receber e transmitir mensagens, em face da distância e ondulações do terreno; os foguetes de sinalização com estrela vermelha não causariam o efeito desejado, por estarem sendo usados, também, pelo inimigo, e eu não tinha conseguido estabelecer ligação com o Tenente Ary, que deveria estar atuando à minha direita. Preocupado, mandei um mensageiro à retaguarda para dar ciência ao Capitão Sidney da minha situação e posição.

O 2º grupo, logo que empregado, teve seu avanço detido por fogos partidos da casa grande e de duas outras, à sua esquerda.

Naquela situação difícil, passou pela minha mente algumas aulas de tática que me foram ministradas, na Escola Militar do Realengo, pelo então Tenente-Coronel Castelo Branco.\* Era hora de empregar meu último trunfo, conforme ele enfatizava. Lembrei-me, também, do ataque a Monte Castelo de 12 de dezembro, quando um pelotão da minha companhia foi surpreendido pelo inimigo, caindo prisioneiro seu comandante, o Tenente Emilio Varolli, e sofrendo o pelotão pesadas baixas. Sem outra alternativa, não vacilei em acionar meu último

grupo-de-combate, único trunfo que me restava.

Antes, procurei estudar o terreno meticulosamente. E cheguei à conclusão que, se atuasse mais à esquerda, teria melhor oportunidade de êxito, porque os degraus da escadaria que o caracterizavam prolongavam-se até quase junto as duas casas da esquerda.

Assim, após os reconhecimentos necessários, determinei o avanço do 1º grupo, do Sargento Rubem de Miranda. Determinei, ainda, ao meu Sargento Auxiliar, que comandasse o apoio de fogo que deveria ser dado, pelos grupos detidos, em favor do atacante.

De início, a progressão foi relativamente fácil. Mas, à proporção que o Grupo se aproximava das casas, ia diminuindo seu Impeto. E, em dado momento, senti que o ataque estava quase parando.

Resolvi, então, impulsioná-lo pessoalmente. Desloquei-me para a frente e passei a atuar como se fosse comandante-de-grupo. O Sargento Miranda ponderou, achando que eu estava fazendo loucura, mas o grupo passou a agir com maior energia, em meio às granadas de mão dos alemães que explodiam à nossa volta.

Quando o grupo, comigo à testa, se aproximava do topo da escadaria, a cento e quarenta metros das casas, e se preparava para o assalto, recebeu,

\*Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castelo Branco.

inesperadamente, um denso bombardeio da nossa própria artilharia, que o envolveu, juntamente com o inimigo.

Num lance de vista, verifiquei que não tinha ocorrido nenhuma baixa. E ordenei o assalto. O grupo atingiu as posições inimigas antes que se dissipasse a fumaça da artilharia e as ultrapassou enquanto os alemães ainda permaneciam no fundo dos seus abrigos, protegendo-se do bombardeio. Tentaram, então, reagir, mas foram postos fora de combate.

Quando procurava reconhecer o terreno à frente, uma rajada de metralhadora, partida de uma das janelas da casa de maior porte, quase me atingiu, chamuscando-me a calça.

Para fugir dos tiros, busquei abrigo no interior de uma das outras casas. Tive, porém, que me contentar em ficar equilibrado na soleira da porta do segundo andar, já que seu piso tinha sido destruído pelas granadas da artilharia.

Foi quando vi um combatente correndo à minha frente. Esquecido do perigo, saf em seu encaço. Não se tratava, entretanto, de combatente alemão, mas um dos nossos que fugia, também, da metralha inimiga.

Após penetrar nas linhas alemãs, consegui estabelecer a ligação rádio com o Capitão Sidney e o informei que tínhamos introduzido uma cunha na defesa adversária, mas que a situação era crítica, pois recebía-

mos tiros de armas tensas pelos dois lados.

O capitão prometeu mandar um pelotão de fuzileiros nos reforçar. Seria o Pelotão do Sargento Leôncio, que conseguira vencer as resistências do posto avançado de Montaurfgola e recebera ordem de seguir as pegadas do meu pelotão.

Não conseguiu. Após transpor a crista da elevação, fogos de artilharia, partidos de Montese, causaram-lhe as primeiras baixas. E o inimigo, aproveitando-se da inexperiência do Sargento que, mantendo-se próximo à crista, tentava socorrer os feridos, bombardeou o pelotão impiedosamente, fazendo aumentar o número de feridos, desarticulando-o e fazendo-o refluir.

Ficou o 3º Pelotão sem o reforço prometido pelo comandante da sua companhia.

Rompidas as linhas inimigas, mantive uma posição central, com uma reserva à mão, aguardando um contra-ataque que, felizmente, não existiu.

Os dois grupos anteriormente detidos foram trazidos para a frente e empregados na consolidação das posições conquistadas e no ataque aos flancos do inimigo.

Foi manobra difícil, feita por lances com pequeno número de soldados, para fugir dos tiros de uma metralhadora inimiga que, postada em nosso flanco esquerdo, começou a atirar, tão logo conquistamos a posição,

tendo-nos causado uma baixa fatal.

○ 2º grupo, logo após juntar-se ao 1º, foi empregado para dominar as resistências que, da casa grande, ameaçavam nosso flanco direito. Partindo em posição favorável é atirando a curta distância sobre o abrigo que protegia a metralhadora alemã, fez com que seus dois ocupantes levantassem um pano branco para, a seguir, se entregarem.

○ 3º grupo, empregado logo a seguir, após difícil luta em que teve que conquistar, palmo a palmo, o terreno, conseguiu dominar as resistências encontradas, fazendo o inimigo retrair, após sofrer algumas baixas. O Sargento Raciolli, comandante do grupo, ocultou os ferimentos recebidos e acionou seus comandados até as resistências silenciarem.

Quase ao cair da noite, determinei que um cabo, comandando cinco soldados, fizesse uma vistoria na casa grande onde anteriormente, fizéramos dois prisioneiros. Encontrei-o sentado na porta da casa, em bate-papo bem brasileiro com os companheiros, como se estivesse longe da guerra.

Perguntei-lhe sobre o cumprimento da ordem que lhe foi dada. Informou-me que nada havia sido encontrado na casa. Determinei, então, que fosse juntar-se ao grosso do pelotão.

Interessante é que, no dia 15 de abril, o Pelotão de Enge-

nharia do Tenente Miguel Alvir Vinhaes, que apoiava minha companhia em missão de limpeza, fez sete prisioneiros alemães na casa que fora vistoriada pelo cabo.

Hoje não poderia afirmar, com convicção, se o cabo deixou de fazer a limpeza ou se a fez incompleta ou, o que me parece mais provável, se os alemães ocuparam a casa na noite de 14 para 15 de abril, após a vistoria feita pelo cabo.

Ao cair da noite, meu pelotão havia dominado a encosta sudeste de Montese e quebrado a capacidade ofensiva da infantaria alemã, que, desnordeada, abandonou suas posições, deixando alguns mortos e oito prisioneiros. Do nosso lado, contávamos um morto e três feridos.

Cerca de dezenove horas, o Capitão Sidney juntou-se ao nosso pelotão, à frente dos remanescentes da companhia reforçados por um pelotão de fuzileiros. Após inteirar-se da situação, procurou, à testa de alguns homens, manter contato com tropa amiga. Mas não conseguiu.

Na noite de 14 para 15, Montese, não obstante encontrar-se sob domínio brasileiro, abrigava elevado número de alemães. Mesmo assim, a presença desses alemães não impediu que a artilharia inimiga descarregasse cerca de dois mil e oitocentos tiros sobre a cida-

de. Uma média de quatro tiros por minuto.

Na manhã do dia 15, ainda sob maciço fogo de artilharia, a tropa brasileira ultimou a limpeza da cidade. Vários prisioneiros foram feitos. Entre eles, dois artilheiros alemães, que se encontravam na torre que dominava Montese e que foram aprisionados por mim, pessoalmente.

Um pátio, todo murado, dava acesso à torre e outras edificações. Uma rampa apresentava, em seu topo, a entrada da torre.

Entrei no pátio com alguns soldados. Enquanto uns visoriavam as demais edificações, eu e mais um deles subimos a rampa. A porta de entrada da torre estava semi-aberta. Deilhe pontapé violento, carabina pronta para atirar. A menos de três metros, dois soldados alemães, tomados de surpresa, levantaram os braços e se entregaram, sem qualquer reação.

Alguns historiadores, ao relatarem a tomada de Montese, consignam que o Tenente Iporan apossou-se da torre da cidade no dia 14 de abril. Na realidade, foi no dia 15, às oito horas.

Assim desenrolou-se, na visão de um tenente comandante de pelotão de fuzileiros, a conquista de Montese.

Se me fosse perguntado quais os fatores principais que, a meu ver, concorreram para o êxito do 3º Pelotão, eu assinalaria vários.

Em primeiro lugar, o resultado obtido pela patrulha lançada nos domínios do inimigo, quatro dias antes do ataque. Ela propiciou o reconhecimento minucioso da base de partida. Se não houvesse a descoberta antecipada e a neutralização parcial do campo minado, teria havido, possivelmente, na manhã do dia 14, muita confusão e mesmo baixas, comprometendo o ataque e retardando a primeira fase da operação. Se não ocorresse a identificação do posto avançado no extremo oeste da colina, poderíamos ter sido surpreendidos por sua ação ou, o que é mais grave, atacar Montese sem saber da sua existência. Nessa hipótese, nossa retaguarda poderia sofrer a ação de fogos ou, mesmo, uma ação em força do inimigo, partindo dele.

Outro fator foi a experiência de combate. Após cinco meses na linha de frente, a minha experiência e a de meus homens, já era apreciável. Se eu tivesse assumido o comando do pelotão na antevéspera do ataque, não teria a mesma tranquilidade para enfrentar as situações que surgiram.

Meu curso de minas foi, também, de valia inestimável. Sem ele, ter-me-ia, possivelmente, apavorado com os *boob traps* encontrados e não teria condições de neutralizá-los pessoalmente, dispensando o trabalho dos mineiros, que se encontravam bastante à retaguarda. Com isso, pude ganhar tempo, fugindo com rapidez dos ti-

ros alemães naquele ponto crítico.

A ligação que procurei manter, a todo custo, com meu comandante de companhia é outro ponto a destacar. Quando todos os demais meios de comunicação se tornaram impraticáveis, lancei mão do mensageiro como último recurso, no instante em que me preparava para investir sobre Montese. E esse mensageiro chegou à retaguarda em hora feliz, a ponto de provocar a suspensão da barragem de artilharia, que começava a cair sobre nossas cabeças.

O fator sorte, finalmente, não pode ser omitido. Ter recebido tiros da própria artilharia no momento exato do assalto e não ser atingido por nenhum deles não admite outra explicação. E mais: obter deles a cobertura, mais que suficiente, para ultrapassar, sem ser molestado, as posições inimigas.

Como fator sorte, tão sobejamente evidenciado neste relato, não pode ser esquecido, ain-

da, o fato de o Sargento Leôncio não ter conquistado seu objetivo, na primeira fase da operação, dentro da hora prevista. Se o fizesse, eu teria atacado Montese partindo desse objetivo. Iria encontrar um terreno fácil de caminhar, mas extremamente minado, como ficou comprovado.

Em virtude disso, optei pelo ataque partindo de uma ravina exageradamente íngreme, local certamente considerado passivo pelos alemães.

Entre Montaurfóla e as encostas de Montese, o terreno apresentava ondulações suaves, com escassez de vegetação, quase limpo. A ravina possuía cobertura vistosa e uma grande declividade, fazendo com que os atacantes mal se mantivessem de pé, durante a transposição do terço superior do seu paredão.

Se não me engano, corria um filete da água em seu talvegue.

CROQUI DA ÁREA DE MONTESE

